

Batuku de Cabo Verde

PERCURSO HISTÓRICO-MUSICAL

2.^a Edição

Gláucia Nogueira



PEDRO CARDOSO
LIVRARIA

Para Manuel Delgado (*in memoriam*), que, 35 anos antes, escreveu a frase que dá origem a este trabalho:

«O batuco só ganhou o direito de subir a um palco de teatro com a subida ao palco da História do povo que o criou.»

«Kapasidadi grandi de sobrivivênsa dizafianti di Batuku dja sta dimonstradu na si longu kaminhada, sen respeta frontera (...) Transformason ki el ta ba tem, sta sértamenti profundamenti ligadu ku kel ki Povo i Kultura kauberdianu ta i pode bem ten».

Tomé Varela da Silva

«O precioso da história é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos são testemunhas de vista, indispensáveis e ricas de notícia, e não juízes ou advogados.»

Luís da Câmara Cascudo

Batuku de Cabo Verde

PERCURSO HISTÓRICO-MUSICAL

Gláucia Nogueira

2ª EDIÇÃO

Baseado na dissertação intitulada:

Batuku, património imaterial de Cabo Verde. Percurso histórico-musical,
defendida em Março de 2011 na Universidade de Cabo Verde,
no âmbito do mestrado em Património e Desenvolvimento



2 0 2 5

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Editor: Pedro Cardoso Livraria

FICHA TÉCNICA

Título: Batuku de Cabo Verde – Percurso histórico-musical

Autora: Gláucia Nogueira

Capa: Concepção de Tadeu Nogueira sobre cartão postal «Batuque indígena»

Foto da contracapa: Pedro Mota

© Autora. Direitos de edição reservados à Pedro Cardoso Livraria para edição em Cabo Verde

1ª Edição, Janeiro de 2015.

2ª Edição, Novembro de 2025

Impressão e acabamentos: Artipol – Artes Tipográficas, Lda.

ISBN: 978-989-9186-35-4

Depósito Legal: 556891/25

Tiragem: 300 Exemplares

Índice

AGRADECIMENTOS	11
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	13
CONVENÇÕES	15
GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS RELACIONADOS COM MÚSICA E BATUKU	17
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO	21
INTRODUÇÃO	25

CAPÍTULO 1

<i>Batuku, batuques</i>	27
Gênese do batuku	32

CAPÍTULO 2

<i>Descrições do batuku</i>	35
Uma sessão de batuku	35
Sambuna	36
A xabeta, o ritmo	38
O torno	39
Finason	41
Sobre alguns termos e descrições não consensuais	42
Pam-pam	42
Galion/galião	43
Sequência	45
Sambuna	45

Profeta	46
Ritual	46
Diferenças entre o batuku no passado e o actual	47

CAPÍTULO 3

<i>Os instrumentos do batuku</i>	51
Pano/almofada	51
A sinboa (cimbó) e violas	54
Tambor	57

CAPÍTULO 4

<i>Batuku é coisa de mulher?</i>	59
---	----

CAPÍTULO 5

<i>O batuku ao longo do tempo – Do século XVIII ao século XX</i>	63
Século XX	68
Batuku e os claridosos	71
A representação de Cabo Verde nas exposições coloniais	74
A repressão do batuku	77

CAPÍTULO 6

<i>O batuku ao longo do tempo – Segunda metade do século XX</i>	83
Período de transição	84
Cabo Verde independente	86
O batuku e a OMCV	88
Contradições de uma política cultural?	90
Anos 1990: novas dinâmicas e vozes puristas	94

O batuku e a política partidária	96
O batuku nas comunidades emigradas	97
Batuku como representação de Cabo Verde no estrangeiro	98
O batuku desperta interesses extra-musicais	99
Gravações de batuku	100

CAPÍTULO 7

Século XXI, a reelaboração do batuku 105

Fora da «geração Pantera»	108
Batuku ‘tradicional’ nos tempos actuais e a sua actualidade	111

CAPÍTULO 8

Os rumos do batuku 115

CAPÍTULO 9

Personagens do batuku 121

Batuku tradicional	122
Nha Nácia Gomi	122
Nha Bibinha Cabral	124
Nha Gida Mendi	126
Tchim Tabari	128
Nha Mita Pereira	129
Nha Balila	131
Ntoni Denti D’Oru	132
Gil Moreira	134
Outros nomes do batuku e finason	135
Tocadores de sinboa	136
Nho Henrique	136
Nho Mano Mendi	137
Nho Eugénio	138

Grupos	139
Batuku recriado	143
Tcheka	143
Orlando Pantera	144
Lura	146
Princezito	147
Mayra Andrade	149
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES	 151
CRÉDITO DAS IMAGENS	165

Agradecimentos

Aos orientadores da minha dissertação de mestrado – Professor Doutor Luís Mota Figueira (Instituto Politécnico de Tomar) e Professora Doutora Juliana Braz Dias (Universidade de Brasília) – e a todos os docentes do mestrado em Património e Desenvolvimento da Universidade de Cabo Verde.

A todos os entrevistados e pessoas que, de diferentes maneiras, contribuíram para a concretização deste estudo e sua publicação, em especial Ângelo Barbosa, António Monteiro, Casimiro Tavares, Francisco Fragoso, Gilberto Lopes, Jeff Hessney, Olav Aalberg, Princezito, Robert Sarwark, Tomé Varela da Silva, Susan Hurley-Glowa e Vasco Martins.

Aos grupos de batuku Fidjus di Santo Amaro (Tarrafal) e Tradição di Terra (Praia).

Aos fotógrafos Albino Baptista, Alexander Manykin, Pierre Nocca e Tó Gomes; à Lusafrika e à Companhia Clara Andermatt, pela cessão de imagens.

À Pedro Cardoso Livraria por levar este trabalho para fora do âmbito académico, permitindo a sua partilha com públicos mais amplos.

Lista de siglas e abreviaturas

Adevic	Associação dos Deficientes Visuais de Cabo Verde
ALUPEC	Alfabeto Universal para a Escrita do Cabo-Verdiano
AULP	Associação das Universidades de Língua Portuguesa
BO	Boletim Oficial
CCP	Centro Cultural Português
CEG-UL	Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa
CIDAC	Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral
CNCDP	Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
DGC	Direcção Geral da Cultura (Cabo Verde)
e/a	edição do autor (ou do grupo)
EUA	Estados Unidos da América
IAHN	Instituto do Arquivo Histórico Nacional (Cabo Verde)
IBNL	Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (Cabo Verde)
ICL	Instituto Cabo-Verdiano do Livro
ICLD	Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco
IICT	Instituto de Investigação Científica e Tropical (Portugal)
IIPC	Instituto de Investigação e do Património Culturais (Cabo Verde)
IPC	Instituto de Promoção Cultural (Cabo Verde)
ISE	Instituto Superior de Educação (Cabo Verde)
MR	Manny Rodrigues
NCV	Notícias de Cabo Verde
NJCV	Novo Jornal de Cabo Verde (1974-1975)
OMCV	Organização das Mulheres de Cabo Verde
PAICV	Partido Africano para a Independência de Cabo Verde
PAIGC	Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PC	Património Cultural

PIDE	Polícia Internacional de Defesa do Estado
PMI/PF	Protecção Materno-Infantil/Planeamento Familiar
RCCV	Rádio Clube de Cabo Verde
s/d	sem data
Sida	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
TVEC	Televisão Experimental de Cabo Verde
UA	Universidade do Algarve (Portugal)
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Uni-CV	Universidade de Cabo Verde
VP	Voz di Povo

Convenções

Por uma questão de padronização, optou-se deliberadamente por não utilizar itálico nas designações de formas e géneros musicais (rafodju, finason, batuku). Mantêm-se nas citações, contudo, as grafias empregadas pelos autores citados, como «batuque», «batuko», «batuco». Algumas palavras em língua cabo-verdiana, como txabeta, djanbu, rabenda, sinboa, aparecem também sem itálico e com a grafia definida pelo Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-Verdiano (ALUPEC).

Glossário de termos utilizados relacionados com música e batuku

Batuku – grafia adoptada (para evitar confusões semânticas) para designar a música que é objecto deste estudo, aquela que é considerada como tradicional da ilha de Santiago.

Batuque – palavra de etimologia controversa. O *Novo Dicionário Banto do Brasil*, citando várias fontes, aponta hipóteses como o termo «bater», da língua portuguesa, e a fusão deturpada da expressão quimbunda ‘bu-atuka’ (onde se salta ou se pinoteia). O dicionário traz ainda «batuque» como um bailado de Angola e do Congo, mas assim chamado pelos portugueses e não pelos africanos. (LOPES, 2003 p. 40-41). No Brasil, designa diferentes manifestações ligadas à cultura afro-brasileira, inclusive uma de carácter religioso.

Sinboa – instrumento de uma única corda (feita com fios de rabo de cavalo) fabricado com uma cabaça (boli), madeira e pele de cabra, encontrado em várias regiões da África, Cabo Verde incluído. A grafia sinboa será utilizada como padrão, embora por vezes apareçam em citações «cimboa» ou «cimbó».

Conbersu sabi – Ver «djanbu».

Djanbu – modalidade de poesia oral próxima ao finason, mas independente da música. Também chamada «conbersu sabi», conforme a localização, segundo Gil Moreira (entrevista, 2010).

Faranganha – dança específica de Boa Entradinha, em que o homem participa, simulando um cortejo sexual à mulher, e neste aspecto assemelhando-se à dança do landu, tradicional da ilha da Boavista.

Finason – parte de uma sessão de batuku em que se cantam cantigas em geral improvisadas de teor educativo, baseadas em provérbios e máximas populares, e ainda com carácter de louvor ou sátira. Nesta parte não se dança. «Finason» será a grafia adoptada ao longo deste

trabalho, embora por vezes se encontre «finaçon», respeitando a grafia de outros autores.

Funaná – música tradicional do mundo rural santiaguense que, na década de 80 do século XX, passou por um processo de estilização e adaptação aos instrumentos eléctrico-electrónicos da música urbana contemporânea, a partir do trabalho do grupo Bulimundo.

Gaita – acordeão diatónico, usual na interpretação do funaná na sua versão tradicional.

Galion/galeom/galião – termo com diferentes significados, conforme os autores. Seria um dos três ritmos da xabeta, assim como pam pam e rapicado.

Pam-pam (ou pã-pã, bam-bam) – expressão claramente onomatopeica que refere o bater, ou seja percutir. Em geral vem no início da sessão de batuku, como um sinal para começar.

Profeta – expressão controversa: para uns, a solista do batuku, para outros, a cantadeira de finason.

Rabida (ou rapica xabeta) – é quando o batuku, ou sambuna, chega ao clímax, cada vez mais movimentada e empolgante. Não quer dizer, contudo, que o ritmo mude. «Rabida (a melodia e o canto) é aquela fase explosiva, o texto reduz-se ao mínimo e a força emocional aumenta, a dança frenética, todo o terreiro naquela agitação (...) Quando se diz rapica, o solista é obrigado a entrar em rabida.» (Tomé Varela da Silva, entrevista, 2010).

Rafodju – cantigas improvisadas, tradicionais da ilha do Fogo, cujas letras assumem por vezes carácter irónico e crítico. Entre cantadeiras que ficaram célebres nesta ilha destaca-se Ana Procópio, que teve algumas das suas cantigas fixadas em texto. Determinados autores apontam semelhanças com o finason.

Romanceiro – composições tradicionais europeias que começaram a ser recolhidas em meados do século XVIII, quando as orientações estéticas pré-românticas e românticas julgaram ver na poesia do povo um sinal de identidade da nação.

Sambuna – termo que praticamente caiu em desuso; de forma geral é aceite o sentido de ser a parte mais lúdica do batuku, com primazia da música e dança. Em textos mais antigos encontramos «zam-buna», que considero ter o mesmo significado.

Torno – dança do batuku, centrada no requebrar dos quadris, quase sem tirar os pés do lugar; quando a dançarina entra no círculo ou semicírculo e faz a sua performance, diz-se que ela «dá ku torno».

Violão – designação utilizada em Cabo Verde e no Brasil para o que os portugueses chamam de guitarra de seis cordas.

Xabeta – som produzido pela percussão e palmas. Fica convencionada a grafia «xabeta» para este trabalho, embora outras apareçam em textos sobre o batuku, como «tchabeta», «chabeta», «chaveta», «xaveta» ou «câbeta», «cûbeta».

Prefácio à segunda edição

Passada uma década desde a publicação de *Batuku de Cabo Verde – Percurso Histórico Musical*, é oportuno referir alguns acontecimentos que se verificaram ao longo desse intervalo, evidenciando a dinâmica de transformações desta expressão musical-coreográfica, tal como já se verificou em outros períodos. É este, aliás, o tema central da tese de mestrado que deu origem a esta obra.

Essas transformações ocorrem, hoje como no passado, tanto no próprio batuku – no aspeto musical-coreográfico e na participação das pessoas que o criam e interpretam – como no estatuto que tem na sociedade cabo-verdiana e ainda no interesse que desperta nos que o ficam a conhecer.

A década passada desde a primeira edição trouxe para o batuku um acréscimo de visibilidade, o surgimento de novos grupos e certamente o desaparecimento de alguns e a emergência de novos protagonistas. Se antes já havia uma figura central nos grupos de batuku, a chamada *profeta*, ou a cantadeira de finaçon como uma espécie de matriarca, as novas protagonistas surgem com um outro perfil, perfeitamente inseridas nos novos tempos, valendo-se dos recursos contemporâneos de marketing e *media* na construção de uma imagem pública e afirmando-se como cantoras e compositoras, com um pé no grupo e outro fora dele.

Outro aspeto que revela inovação na prática do batuku tem a ver com a presença masculina. Se ela já existia no passado, como referem várias fontes citadas no Capítulo 4, se houve personagens masculinos como Nho Ntoni Denti d’Oru, em São Domingos, e Naná Batucador, na Praia, a cantar e a improvisar os versos, estes sempre foram vistos como exceções. Se sempre houve algum tipo de dança na qual os homens participavam, é incontestável que a forma como o fazem hoje é outra. Já é algo corrente que rapazes dançam na roda de batuku como as mulheres. Certamente contribuiu para isso, com o passar do

tempo, a diluição de determinados preconceitos e uma menor rigidez quanto aos padrões aceitáveis para cada género. O facto é que nunca os rapazes deram *ku torno* tão livremente como na última década. Tal como em outras épocas, o batuku é revelador do que se passa na sociedade cabo-verdiana.

O período em questão foi também quando Madonna descobriu o batuku. Em 2017, residindo temporariamente em Lisboa e tendo como cicerone Dino d'Santiago, cantor e compositor nascido em Portugal filho de cabo-verdianos, a cantora norte-americana conheceu o batuku e inseriu no álbum *Madame X* (2019) a composição intitulada «Batuka» (parceria sua com David Banda e Ahmadzai), em cuja gravação participa o coro de um grupo criado em Lisboa especialmente para essa finalidade, a Orquestra Batukadeiras.

O videoclipe correspondente faz alusão ao batuku mais pelo vestuário do grupo de mulheres negras e o seu aspeto físico do que pela música propriamente dita, a não ser em alguns momentos em que aparecem em círculo e, ao som da txabeta, Madonna faz a sua performance, chegando até a tentar *dá ku torno*, por frações de segundo. Determinadas imagens aludem, na velocidade própria aos videoclipes, à repressão do batuku no passado, à religião católica, ao colonialismo, à escravidão, ao quotidiano de mulheres cabo-verdianas que fazem trabalhos manuais como lavar roupas e pô-las a secar e usam lenços na cabeça. Quanto à música, as batukaderas cantam em coro em inglês, repetindo as palavras de Madonna.

Cabo-verdianos debateram intensamente nas redes sociais essa interação entre a loura estrela pop internacional e a expressão cultural *badiu* que é um símbolo de Santiago profundo e camponês. Os benefícios da divulgação internacional de um género musical cabo-verdiano, por um lado, e, por outro, a apropriação de um bem cultural popular por um ícone do *showbiz* a escala planetária, em proveito dos seus próprios interesses comerciais, eram os dois polos do debate.

Não foi a primeira vez que um grande nome da música internacional se voltou para alguma expressão musical periférica. Ao longo dos últimos 50 anos tivemos exemplos como a dupla nova-iorquina Paul & Garfunkel com a música andina – «El Condor Pasa (If I Could)», no LP *Bridge Over Troubled Water*, 1970; Peter Gabriel com tambores africanos em «The Rhythm of The Heat» (no álbum *Peter Gabriel 4*, 1982); e Sting, que flerta com a música do Magreb gravando com o

BATUKU DE CABO VERDE

PERCURSO HISTÓRICO-MUSICAL

Em prosa e verso, em depoimentos, cantigas e relatos esta obra traça a história do batuku ao longo dos últimos 200 anos. Mostra as mudanças que sofreu no decorrer do tempo enquanto música e dança e também as diferenças do seu estatuto na sociedade cabo-verdiana, conforme as épocas.

No período colonial, era o menosprezo, a repressão. Hoje, o batuku assume traços de vanguarda, é recriado, atrai artistas de outras áreas, urbaniza-se. Está na moda.

Entre esses dois momentos, a história de Cabo Verde no último meio século engendrou uma mudança de atitude crucial face a este género musical. Tirou-o do subterrâneo, tornou-o património. Nesse percurso, a independência foi um divisor de águas.

Este livro teve o apoio:



ISBN 978-989-9186-35-4



9 789899 186354